

A GEOGRAFIA NOS DOCUMENTOS: A TRAJETÓRIA DO BARÃO DE STUDART

Maria Clelia Lustosa Costa
Departamento de Geografia-UFC
clelialustosa@gmail.com

RESUMO

Guilherme Studart deixou além de um riquíssimo arquivo com milhares de documentos que contribuíram para os estudos sobre o Ceará, uma vasta obra, com inúmeros livros e artigos, além de notas, efemérides, documentos inéditos, publicados nas revistas do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras, fontes indispensáveis a todo pesquisador da História e Geografia regional. Neste artigo, salienta-se o papel de colecionador de documentos, a intensa correspondência com pesquisadores nacionais e internacionais e a contribuição na sistematização de documentos relativos à Geografia do Ceará.

Palavras chaves: Geografia do Ceará; Geografia Médica; arquivos do Barão de Studart.

GT 8 - GEOGRAFIA HISTÓRICA URBANA

1. INTRODUÇÃO

No século XIX, estudos históricos e geográficos eram realizados por autodidatas e/ou profissionais de nível superior de formação europeia. No Ceará, destaca-se o médico Guilherme Studart, grande colecionador de documentos, que deixou um riquíssimo arquivo que tem contribuído para os estudos sobre o Nordeste.

Guilherme Studart, filho do inglês William Studart, Cônsul da Grã-Bretanha, e da cearense Leonísia de Castro, nasceu em Fortaleza (Ceará), em 1856. Formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1877. Ao retornar ao Ceará, durante a grande seca de 1877-1979, que foi acompanhada de epidemia de varíola, o jovem médico, designado para atuar na administração de abarracamentos, sobressaiu-se pela dedicação aos migrantes, aglomerados na capital. Ele também participou ativamente do Centro Abolicionista, que teve papel importante na libertação dos escravos do Ceará em 1884, quatro anos antes da Lei Áurea.”

Elevado a Barão pela Santa Sé, durante do papado de Leão XIII, foi um dos fundadores do Instituto do Ceará, em 1887, instituição que marcou uma nova fase para os estudos históricos cearenses. Segundo José Honório Rodrigues (2002), a partir de então, a “pesquisa contínua e sistemática” predominará, propiciando uma “História Regional fundada em bases físicas e estrutura econômica”. Na opinião deste pesquisador, a figura de maior destaque foi Guilherme Studart: “Não há, em nenhuma historiografia estadual ou regional brasileira, quem se lhe avante no amor ao estudo, na vastidão da pesquisa na capacidade de realização, como cronista, geógrafo, historiador e editor de documentos.” (1959, p. 33).

O Barão de Studart viveu em um dos momentos mais fecundos da economia cearense. Entre 1845 e 1877, a região teve uma fase de bons “invernos” e de ampliação das exportações de algodão para a Europa. Esse foi também um período rico para a cultura cearense. Para José Honório Rodrigues (1859), a historiografia cearense nasceu entre a década de 1850 e a de 1860, sobressaindo-se Tomás Pompeu de Sousa Brasil, senador do Império (1818-1877), consagrando-se principalmente à Geografia e aos estudos de população; o jornalista João Brígido dos Santos (1829-1921) e o médico francês Pedro Théberge (1811-1864). Os trabalhos do Barão de Studart se beneficiariam dessa tradição recente de estudos, notadamente da obra do Senador Thomas Pompeu de Souza Brasil, considerado o primeiro geógrafo do Ceará e de seu filho, homônimo e continuador de sua obra.

Quando morreu, em 1938, Barão de Studart deixou para a posteridade uma vasta obra, com inúmeros livros e artigos, além de notas, efemérides, documentos inéditos, publicados nas revistas do Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras, fontes indispensáveis aos pesquisadores da História e Geografia Regional. O livro “Climatologia, Epidemias e Endemias do Ceará” (1909), sob a influência do discurso higienista europeu dominante do século XIX, pode ser considerado um dos primeiros estudos da Geografia Médica do Ceará. Ressalte-se também os dois volumes do “Dicionário biobibliográfico cearense” (1910-1915), com biografia dos personagens da História do Ceará; “Para a história do jornalismo cearense” (1924), com as bases para a história da imprensa; “Notas para história do Ceará do século XVIII” (1892), e “Datas e fatos para História do Ceará” (1896), com informações colhidas em arquivos e bibliotecas nacionais e estrangeiras; e a “Geografia do Ceará” (1924).

Neste artigo, dentre as muitas facetas de Studart, evidenciamos a de colecionador de documentos, sua intensa correspondência com pesquisadores nacionais e internacionais e sua contribuição na sistematização de documentos relativos a Geografia do Ceará.

2. O COLECIONADOR DE DOCUMENTOS

Guilherme Studart legou às gerações seguintes arquivos organizados em cadernos com documentos que dialogam entre si e permitem reconstituir a História, a Geografia e o modo de vida de diversos períodos do Ceará. Esses documentos e suas várias versões refletem ideologias, contradições, conflitos e interesses econômicos e políticos.

Ao nos debruçarmos sobre seus arquivos, deparamos a quão rica é sua documentação, cuidadosamente acumulada ao longo de sua vida, resultado de levantamentos em cartórios, bibliotecas e arquivos particulares e públicos no Brasil e exterior, realizadas pessoalmente ou por outros pesquisadores. Muitas informações e dados, Studart obtinha por meio da intensa correspondência epistolar.

Este editor de documentos, pesquisador incansável, com metodologia apurada, insistia em rever a história escrita, conferir informações, aprofundar questões, contrapor interpretações à luz de novas informações. Para Studart:

A história é assim mesmo que se faz e se apura. Longos anos são narrados os fatos desta ou daquela forma, até que do pó dos arquivos se desentranha um documento, que *merecedor de fé, bem interpretado*, dá aos

indivíduos e aos seus atos uma feição diferente daquela com que até então haviam sido encarados e julgados. (STUDART, apud RODRIGUES, 1959, p. 35)

Para José Honório Rodrigues, o mesmo papel desempenhado por Varnhagem na história brasileira geral é representado por Studart na historiografia local: “Uma pesquisa sem fim, um trabalho exaustivo pelos arquivos e bibliotecas europeias, uma vontade inabalável de realizar e, sobretudo, uma nova inspiração, um no método, uma nova orientação (2002, p. 33-34).

Studart, de acordo com Rodrigues (1959, p. 35), fazia parte da “escola histórica, que exaltava a pesquisa e declarava a vitória do documento manuscrito e inédito sobre a interpretação fácil e ligeira”; julgava a “investigação documental a mais importante tarefa do historiador”. O documento não deveria “ser interpretado, mas transcrito, como se fora a própria construção histórica”. Studart assim expressou sua abordagem teórico-metodológica:

Em matéria de história, nos documentos acho, nos documentos deixo. Quem vier após mim há de se convencer de que fui tão fiel à verdade histórica quanto respeitador das conveniências sociais, que, como nos casos, às vezes, podem mais do que as leis. Por isso, sempre que foi preciso, preferi que falassem por mim os documentos e os outros a emitir juízo próprio e conceitos próprios. (STUDART, apud RODRIGUES, 2002).

Para Capistrano de Abreu, maior seria sua contribuição aos estudos da historiografia regional se em vez de preocupação com a retificação de documentos, “se aplicasse mais exclusivamente ao exame do material assombroso que tem acumulado”. (RODRIGUES, 2002, p. 36). No entanto, o zelo do Barão com a integridade, autenticidade e interpretação das fontes, esclarece muitas questões polêmicas sobre fatos da História e Geografia do Ceará, facilitando as análises dos pesquisadores de hoje. Ele se preocupava em apresentar documentos com diferentes versões dos fatos descritos pelos atores sociais (viajantes, pesquisadores, naturalistas, administradores portugueses e brasileiros; empresários, proprietários, fazendeiros, industriais e comerciantes; trabalhadores brancos, mulatos, escravos e índios; liberais e conservadores, “caranguejos” e “chimangos”, nacionalistas, monarquistas e republicanos, etc.).

Para Virginia Batista (2012), Capistrano de Abreu não tem “indulgência para com o trabalho elaborado por Studart tecendo críticas ao uso demasiado de referências, as correções aos estudos anteriores sobre o tema e ao exame de pormenores dos fatos que tornam a narrativa fatigante” (p. 7). No entanto, a preocupação de Studart, de acordo com o prefácio do livro *Notas para a História do Ceará*, era “exatamente impugnar as asserções desses estudiosos, cujos

estudos estão ‘evitados de inexatidões’ (STUDART, 2004, p. 33) que serão corrigidas pela a atual geração de investigadores, na qual ele se inclui”. (BATISTA, 2012, pag. 7).

3. INTERCÂMBIOS CULTURAIS E PARTICIPAÇÃO EM SOCIEDADES DE GEOGRAFIA

Barão de Studart tinha uma grande inserção na vida cultural do país e do exterior. Era membro de mais de 50 instituições científicas, literárias ou filantrópicas. Participou da criação de várias sociedades cearenses, como o Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), em 1887, a Academia Cearense, em 1896, o Centro Literário, em 1894, o Centro Médico Cearense, em 1913, a Sociedade São Vicente de Paulo em 1889, dentre outras. Na Geografia, o reconhecimento de seu trabalho é observado por meio de vários convites para participar de instituições científicas. Era membro titular do Clube de Geografia de Genebra. Foi eleito sócio ordinário da Sociedade de Geografia de Lisboa (1893), sócio correspondente da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro (1886), sócio honorário Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (1902) e sócio honorário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1912), dentre outros. Participou desde o 1º Congresso Brasileiro de Geografia (1909), promovido pela Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro. Contribui ainda para o XX Congresso de Americanistas, ocorrido no ano do centenário da independência e da comissão nomeada pelo Presidente do Estado do Ceará para adquirir produtos à Exposição Internacional do Centenário da Independência de 1922, no Rio de Janeiro.

De acordo com Paula Virginia Pinheiro Batista, “Guilherme Studart era um homem formado pelo pensamento oitocentista que propagou a crença no progresso e no desenvolvimento das civilizações”. A estratégia adotada por estes intelectuais para obter o reconhecimento de seus pares era “tecer rede de relações pessoais a partir da fundação de sociedades ou “repúblicas das letras”. (BATISTA 2012, p. 1).

A importância do Barão é reconhecida pela direção da Livraria Garnier, que solicita, em 1905, um retrato fotográfico, notas históricas e obras de Guilherme Studart para serem reproduzidas no Almanach Garnier. (COSTA, 2010, pag. 95).

A correspondência do Barão nos dá informações sobre eventos e pesquisas realizadas por seus pares, demonstrando como Studart estava atento ao que acontecia nas ciências e artes pelo

mundo, fontes utilizadas em seus livros e artigos. Em sua correspondência, ele trata, sobretudo de descobertas, recebimentos e envios de documentos, revistas, livros a pesquisadores e interessados do interior do Ceará e de outros estados brasileiros e países. Suas descobertas, dúvidas e questões eram confidenciais a colegas do Brasil e exterior. Um levantamento da biografia dos remetentes poderia nos fornecer outros elementos para a pesquisa. Destaca-se a correspondência mantida com Capistrano de Abreu, historiador cearense radicado no Rio de Janeiro, que revolucionou os estudos historiográficos no Brasil. Correspondia-se também com os historiadores Rocha Pombo, Carlos Teschauer, Affonso de Taunay, Tristão de Alencar Araripe, Alfredo de Carvalho (tradutor do diário de Matias Beck), geólogos americanos Orville Derby e John Casper Branner, o engenheiro e cartógrafo Teodoro Sampaio, o matemático cearense Oto Alencar da Silva e o padre Cícero Romão Batista, dentre outros.

Para a historiadora Virgínia Batista (2012), Studart notabiliza-se no campo historiográfico mais pelo seu trabalho de edição de documentos do que ao trabalho de interpretação ou análise historiográfica. Cita a troca de correspondência do barão com intelectuais que se mostram impressionados com o volume da documentação arquivado e de sua capacidade de edição textual e da circulação de sua obra no Brasil e exterior.

[...] Carlos Teschauer que escreve ao cearense afirmando que “é grande prazer para mim, ver saírem em intervalos relativamente pequenos da vossa pena tão importantes trabalhos”; Afonso de Taunay confessa ao médico que “sobremodo lhe admiro a capacidade de trabalho que o leva a assumir tantos encargos”; e ainda Frederico Lisboa também tece elogios a Studart: “tenho recebido, e com especial agrado, os seus interessantes trabalhos sobre o Ceará. É admirável a sua atividade!” (BATISTA, 2012, p. 5)

As publicações cearenses também foram alimentadas e fundamentadas com resultados de pesquisas realizadas por várias comissões geográficas e geológicas que levantaram as riquezas minerais do Brasil, visando o aproveitamento de recursos naturais do solo e do subsolo, durante o século XIX e início do século XX. Pesquisadores estrangeiros e brasileiros participaram de comissões científicas, com destaque para a Comissão Geológica do Império (1875-1878), dirigida pelo naturalista Charles Frederik Hartt (1840-1878), da Cornell University, que percorreu o território brasileiro, particularmente as regiões Nordeste e Norte. Esta comissão teve por objetivo:

[...] realizar estudos preparatórios para o levantamento de uma carta geológica do Império; dirigir estes estudos de modo a conhecer a estrutura geológica do país, sua

paleontologia, riquezas minerais e meio de explorá-las; completar estes trabalhos com a análise das rochas, minerais, terrenos e águas que puderem ser aproveitadas; finalmente, estudar a arqueologia e etnologia das tribos existentes, colhendo e classificando amostras que as ilustrem convenientemente. (FERNANDES; SCHEFFLER, 2014, p. 126).

Dentre os integrantes estavam os geólogos da Universidade de Cornell Orville Adalbert Derby (1851-1915) e Richard Rathbun (1852-1918); John Casper Branner (1850-1922), do Departamento de Botânica e Geologia da Universidade de Indiana; os brasileiros Elias Fausto Pacheco Jordão (1849-1901), doutor em engenharia civil na Universidade de Cornell; Francisco José de Freitas, assistente geral e tradutor, além do fotógrafo Marc Ferrez (1843-1923).

Os geólogos americanos Orville Derby, pai da geologia brasileira, e John Casper Branner mantiveram correspondência com Studart fornecendo informações que são citadas no livro *Geografia do Ceará*. Derby foi diretor da 3ª Seção Museu Nacional, (1879-1890), dirigiu e fundou a Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo (1886-1904) e o Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil. Publicou um dos primeiros mapas pormenorizados da América Meridional (1891), e um dos primeiros mapas geológicos do país (1915). Acreditava que as ações empreendidas pelo Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil seriam importantes para o combate à seca no Nordeste do país.

Branner teve uma intensa relação científica com o Brasil, o visitando na primeira vez em 1876 e a última em 1917. Em 1911, organizou a Stanford Expedition to Brazil, que realizou coleta de espécies no litoral e sertões do Ceará e Rio Grande do Norte. Este grupo, com orientação teórica e metodológica darwinista, pretendia “contribuir diretamente para o acúmulo de evidências da teoria da seleção natural e, assim, fazer a defesa do darwinismo diante das alternativas teóricas da mutação, ou evolução a largos passos das espécies”. (OLIVEIRA, 2014, p. 943)

A Stanford Expedition permaneceu em Fortaleza no período de 6 a 16 de maio de 1911 e durante esta estadia, Branner viajou a Quixadá, acompanhado dos engenheiros José Luiz Baptista e Jensen Rant e conheceu o Dr. Pompeu de Souza (filho do Senador Pompeu). Em correspondência a Studart, discorre sobre o metal cornatite que produz o rádio e a sua possível extração no Ceará e lastima a demissão do geólogo norte-americano Small da Inspectoria de Obras contra as Secas, que poderia fazer exame mais cuidadoso do metal. Branner agradece o

exemplar da Revista do Ceará e promete enviar o relatório da “Stanford Expedition to Brazil”. (OLIVEIRA, 2014; COSTA, 2010).

Em fevereiro de 1922, Branner publicou o artigo “Oil Possibilities in Brazil” mostrando a existência de petróleo no nordeste brasileiro. Escreveu que a zona “se alarga para o interior, como na Bahia, até 300 milhas, e Mossoró, no estado do Rio Grande do Norte, e Maranhão (...)” (COSTA, 2010, pag. 92).

4. A GEOGRAFIA MÉDICA

Studart, médico de profissão, preocupa-se em coletar documentos que fundamentem as teses dos higienistas e da Geografia Médica em desenvolvimento na Europa. Ressalta que o pensamento social do século XVIII e XIX foi influenciado pelo discurso médico-higienista europeu. É possível reconstruir a relação entre as Ciências Sociais, a Geografia e o pensamento médico brasileiro, através das obras de Nina Rodrigues e seus tratados de antropologia física, Afrânio Peixoto (*Clima e Saúde: introdução bio-geográfica à civilização brasileira*), Samuel Pessoa (*Introdução à Geografia Médica*) e Josué de Castro (*Geografia e Geopolítica da fome*). (COSTA, 2004)

No Ceará, além do médico e historiador Guilherme Studart, autor de *Geografia do Ceará* (1924) e de *Climatologia, Epidemias e Endemias do Ceará*, (1909), destacam-se o farmacêutico Rodolfo Teófilo autor de *A fome* (1890), *História das secas do Ceará 1877-1880* (1883) e *Seccas no Ceará* (1901) e o médico Gavião Gonzaga, autor de *Climatologia e Nosologia do Ceará*” (1925) e outros médicos ligados ao Centro Médico Cearense.

Estes pensadores foram influenciados pelos tratados de Higiene Pública, pelas Geografias e Climatologias Médicas de higienistas europeus, ainda hoje, encontradas nas bibliotecas da Academia de Medicina do Ceará, tais como de Clermond Lombard (1877-1880), Becquerel (1877), Rochard (1888), Arnould (1888), que relacionavam as condições ambientais com o estado de salubridade dos lugares e saúde da população, propondo normas de construção e de ordenamento urbano. (COSTA, 2004)

Studart anota registros de secas, migrações, abarracamentos e epidemias, particularmente a varíola, que devastaram o Nordeste. Essas informações estão registradas e analisadas no livro “*Climatologia, Epidemias e Endemias do Ceará*, (1909) e em outros artigos deste pesquisador. Este livro é resultado de convite de Afrânio Peixoto (1876-1947) para participar do 4º Congresso Médico Latino-Americano que ocorreria no Rio de Janeiro, no período de 1º a 8 de agosto de 1909. No convite o médico baiano, em correspondência datada de Rio de Janeiro, de 30 de maio de 1908, envia o modelo de sumário a ser seguido para a confecção do relatório sobre Climatologia e Geografia médica do Estado do Ceará (COSTA, 2010, p. 102).

Esta preocupação com os problemas gerados pelas secas é antiga entre os políticos e intelectuais brasileiros e tema de debates na Câmara dos Deputados e Senado do Império por representantes cearenses, como Senador Pompeu. O Instituto Histórico Geográfico Brasileiro, por determinação do Imperador Pedro II, organiza a primeira expedição genuinamente brasileira, a Comissão Científica de Exploração, que chega ao Ceará em 1859, e tem como interlocutor o Senador Pompeu, considerado o primeiro geógrafo cearense (FERNANDES NETO, 2018).

Em carta a Studart, o médico de Afrânio Peixoto, autor de “Clima e Saúde” (1938), pede informações sobre o Dr. Gavião e de sua luta para conseguir recursos para construção de um leprosário no Ceará, junto aos grandes capitalistas filantropos. Posteriormente, Gavião Gonzaga publica o livro *Climatologia e Nosologia do Ceará* (1925), analisando o clima, o regime pluviométrico, a questão das secas, a flora, a fauna e o homem. Encerra com o estudo das doenças, da ação dos fatores climáticos sobre as condições nosológicas do Estado.

5. A GEOGRAFIA DO CEARÁ

No começo da década de 1920, atendendo a pedido da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, Barão de Studart escreve “Geografia do Ceará”. O texto, destinado a figurar nas atividades de comemorações do primeiro centenário da independência, foi publicado, em 1924, com modificações, na Revista do Instituto do Ceará. Como os demais sobre o assunto da época, esse livro era influenciado pelas escolas alemã e francesa de Geografia. Somente no final do século XIX, os estudos sobre a superfície da terra, a relação homem e meio, seriam

sistematizados, atingindo status acadêmico com a criação de cadeiras de Geografia nas universidades da Alemanha, e posteriormente da França. Segundo Paul Claval (1981), nessa fase de estruturação da disciplina, os “geógrafos franceses eram historiadores de formação”.

A Geografia do Ceará, apresentado no Congresso Brasileiro de Geografia, em 1922, não é um livro didático, voltado para os estudantes de ensino médio, e sim uma tentativa de sistematizar as informações de seus arquivos numa perspectiva geográfica, visando fomentar e orientar outras pesquisas. O livro é escrito na primeira pessoa e ao apresentar a Geografia do Ceará, o autor levanta hipóteses com base na análise de documentos contidos em seus arquivos e questiona a conclusões de outros estudiosos.

A “Geografia do Ceará” segue o roteiro dos estudos monográficos de Geografia Regional da tradição francesa consolidada por Vidal de La Blache (1845-1918). Pela metodologia firmada por essa tradição que conjuga elementos físicos e humanos, procede-se inicialmente a descrição da paisagem, com seus aspectos físicos (relevo, o clima, a vegetação) e em seguida, apresenta-se a história, as características demográficas e as atividades econômicas.

No livro do Barão de Studart, a narrativa da história antecede a descrição da paisagem. “Pesquisador incansável, bom editor de documentos, com respeito à integridade e autenticidade, trabalhador incansável”, como o classificou José Honório Rodrigues (1959, p. 36), para escrever “Geografia do Ceará”, Studart, baseou-se em farta documentação colhida em cartórios, coleções particulares, arquivos e bibliotecas do Brasil, Portugal, Espanha, Inglaterra, França, Holanda e Itália. O autor analisa a formação do Ceará, desde o início da colônia até presidência de Justiniano de Serpa (1920-1923).

A primeira parte é dedicada à história do processo de ocupação das terras da capitania do Ceará, com o relato dos inúmeros conflitos travados com as populações indígenas, em aliança com os invasores franceses ou holandeses contra o domínio português. Insere também neste capítulo a lista dos administradores do Ceará no período republicano e a biografia de figuras do Brasil colonial.

A História do Ceará não está desvinculada das transformações do espaço geográfico, dos problemas climáticos, da dinâmica da população, da exploração econômica e dos conflitos políticos. Na apresentação dos fatos, o autor recorre a descrições dos lugares, a relatos e mapas de administradores, engenheiros, arruadores, naturalistas e viajantes que visitaram o Ceará.

Como podemos observar, no século XIX, a História e a Geografia se entrelaçavam. Os estudos geográficos eram realizados por autodidatas e/ou profissionais de nível superior de formação europeia. Os geógrafos franceses eram historiadores de formação. Portanto, a História do Ceará não estava desvinculada das transformações do espaço geográfico, dos problemas climáticos (história das secas e epidemias), da dinâmica da população (história das migrações), das atividades econômicas (dos chamados ciclos econômicos), dos conflitos políticos e das divisões políticas e administrativas.

Esta longa história de intercâmbio e cooperação interdisciplinar entre a geografia e a história tem seu ápice com a abordagem inovadora da “École des Annales”, cuja revista foi criada na França, em 1929. Esta incorporava métodos das ciências sociais à história e combinava a Geografia, a História e abordagens sociológicas.

Na análise geográfica, para compreendermos a organização espacial, levamos em conta não apenas a paisagem e as rugosidades (SANTOS, 1988), que resistiram à modernização e à modernidade, ou os restos do passado presentes em formas diversas no território (CAPEL, 2006), mas também as ideias que contribuíram para a geração destas formas (CLAVAL, 2002). O geógrafo utiliza documentos escritos, imagens, quadros, fotografias, mapas, descrições dos lugares por viajantes e romancistas para a reconstituição do contexto histórico das ideias e teorias dominantes em cada época, que se materializavam no espaço. Para entender a lógica e a evolução da sociedade e do espaço, faz-se necessário analisar os discursos e as representações encontradas nesta vasta documentação, como também as formas e o meio urbano. Numa abordagem geográfica, como nos ensina o geógrafo francês Paul Claval, não se deve isolar os aspectos materiais das técnicas dos seus aspectos mentais, pois “a cultura é em grande medida feita de palavras, articula-se no discurso e realiza-se na representação” (2002).

Em seguida, o capítulo “Cartogramas, mappas, cartas etc. referentes ao Ceará” apresenta, descreve e aponta comentários de outros pesquisadores e indica a localização em obra, biblioteca ou arquivo nacional ou estrangeiro ou a existência de cópia de material cartográfico em seus arquivos. Cita o “Mappa geológico do Brasil organizado por John Casper Branner, published by the Geological Society of America” (Escala 1:5000000, 1919), que está acompanhado do trabalho “Outlines of the Geology of Brasil to Accompany the geologic Map of Brasil”, publicado no Bulletin of the Geological Society of América vol. 30 pp. 189-338. (STUDART, 201x, p. 216). Menciona também a Carta pluviométrica Annual do Estado o Ceará

(Escala 1.000000, de 1922), que contem observações de 116 estações no período de 8 anos e que se encontra anexo ao livro de Dr. Thomaz Pompeu Sobrinho - Esboço Physiografico do Ceará (Geographia Física) (STUDART, 2010, p. 217).

Nos capítulos dedicados aos aspectos físicos, situa o estado nas coordenadas geográficas, apresenta os limites geográficos e as leis que os determinaram. No item sobre a constituição geológica, menciona as cavernas existentes e a presença de tremores de terra no Ceará. Studart recomenda a quem quiser “aprofundar o assumpto, do qual só pela rama dou aqui algumas indicações”, a leitura dos “mais recentes trabalhos dizendo respeito a constituição geológica do Ceará são da lavra de Roderic Crandall, Horacio Small, Casper Branner, dignos continuadores de Feijó, Gardner, Agassiz, Capanema e Orville Derby. (STUDART, 2010, p. 223)

A geomorfologia e os recursos hídricos são descritos nos itens que utilizam termos pouco usuais na Geografia didática: Acroteriographia (cabos e pontas), Colpographia (Enseadas, Bahias e portos), Nesographia (ilhas), Limnographia (lagos e lagoas), Orographia (montanhas, serras), Potamographia (bacias hidrográficas);

O conteúdo sobre clima discrimina as variações na temperatura (máximas, mínimas e média), precipitação, pressão barométrica, taxa de umidade e direção do vento nas três grandes zonas (litoral, serras e sertão), destacando os municípios Fortaleza, Icó, Quixeramobim, Crato, Quixadá, Iguatu que tinham essas informações organizadas. As estações secas e as inundações são apresentadas com dados pluviométricos e analisados seus impactos na economia cearense. Os longos períodos de estiagem provocavam a destruição da agricultura e pecuária, além da morte de milhares de cearenses.

A flora, a fauna e a riqueza minerais são relacionadas aos aspectos físicos (clima, topografia, relevo, rochas), recuperando as pesquisas realizadas por viajantes, pesquisadores, naturalistas e botânicos do século XIX e XX que estudaram o Ceará: naturalista Feijó, Freire Alemão e Freire Alemão Sobrinho, Gardner, Agassiz, Branner, Ducke, dentre outros.

Continuando a contribuição sobre a Geografia do Ceará, Studart descreve a organização política, a distribuição e a dinâmica da população (dados de casamentos, batizados e óbitos), a situação da instrução pública, o dinamismo das ciências, letras, o jornalismo em Fortaleza e as atividades econômicas: comércio, agricultura, indústria e navegação.

Os diversos recortes espaciais (regiões) utilizados pelos administradores são apresentados (Divisão Eclesiástica, Divisão eleitoral, Divisão Civil e Judiciária e Divisão Administrativa, Distritos Telegráficos, Distrito Postal), bem como as redes de comunicação que articulam e integram o espaço cearense (telégrafo, cabo submarino, Rede viação cearense - Estradas de ferro de Baturité e de Sobral). Os municípios, cidades, vilas e povoações são descritos e apresentados com várias informações, dentre elas data de criação, localização, altitude, distância para a capital etc. Studart termina o capítulo com uma lista de palavras em tupi e lista os nomes indígenas de algumas localidades.

Para a historiadora Virgínia Batista (2012), Studart deu visibilidade às suas obras enviando-as aos seus pares para que pudessem dá legitimidade aos seus textos. Affonso Claudio, desembargador no Rio de Janeiro e socio corresponde do Instituto do Ceará, ao receber o livro, escreve agradecendo:

Ontem tive a suma satisfação de receber o volume da “Geographia do Ceará” mimo com que aprouve a sua gentileza distinguir-me. De ontem para hoje todas as horas disponíveis foram destinadas a leitura e apreciação do seu magnífico livro, que há um só tempo é geográfico e histórico, escrito e documentado como raramente sucede entre nós. Lendo as belas páginas de Geographia do Ceará, disse a sós comigo – O Ceará apesar de flagelado pelas secas como nem um outro Estado do Brasil, tem também a ventura que nem um outro conta, de viver pelo patriotismo de seus filhos! (BATISTA, 2012).

Affonso Claudio elogia o livro e destaca que “um só tempo é geográfico e histórico, escrito e documentado como raramente sucede entre nós”. Ou seja, ressalta a o trabalho de pesquisa e fundamentação da obra, o que nem sempre acontece com outras publicações.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda ciência tem uma trajetória de análises, seguida de sínteses. Entre estas duas fases, há dedicados colecionadores e buscadores de documentos que muitas vezes serão fundamentais para as tarefas que serão realizadas por outros. Barão de Studart ocupou um importante papel como tenaz buscador de documentos e averiguador de fatos documentais. Se não nos deixou teorias, é porque estava por demais preocupado em reunir material para que as gerações seguintes as pudessem realizar com mais determinação, extraindo desses documentos, à luz de

novos referenciais teóricos, os ensinamentos que os fatos parecem relevar quando bem estudados.

Os arquivos do Barão já subsidiaram muitas artigos e teses de pesquisadores brasileiros. Hoje elas dão subsídios para as pesquisas na Geografia Histórica, que pretende refletir “sobre o passado para olhar o futuro”. Uma das dimensões desta abordagem geográfica trata da história do território, “campo de múltiplas facetas e relações”. Como afirma o geógrafo espanhol Horácio Capel (2006): “A Geografia Histórica tem que ver com as mudanças geográficas através do tempo, com as transformações nos territórios, com as análises dos fatores que os tem produzido”. Nesta perspectiva, grande é a contribuição de Studart ao recolher documentos sobre a formação socioespacial brasileira, a dinâmica social, econômica e espacial do Ceará desde o período das capitânicas, passando pela província até chegar à República.

Com esta herança deixada por Studart, teremos chance de realizar o desejo de Capel (2006): “O que queremos é, pois, uma geografia histórica para entender o passado, para organizar melhor o presente, e para construir o futuro”.

O arquivo do Barão de Studart nos permite promover vários estudos na perspectiva geográfica, das relações da sociedade com a natureza, das transformações no espaço da província, das vilas e das cidades cearenses.

7. REFERENCIAS

BATISTA, Paula Virgínia Pinheiro. Arquivo de si e do Ceará: a coleção e a escrita de Guilherme Studart (1892-1938). Tese. Programa de Pós-Graduação em História Social, UFC, 2014.

BATISTA, Paula Virgínia Pinheiro, Organizando a vida em papéis: a coleção Studart

Anais do III Seminário Internacional História e Historiografia. X Seminário de Pesquisa do Departamento de História – UFC. Fortaleza, 01 a 03 de outubro de 2012.

CAPEL, Horacio. Una geografia histórica para construir el futuro. Scripta Nova Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales Universidad de Barcelona. Vol. X, núm. 218, 1 de agosto de 2006. <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-218.htm>

CLAVAL, Paul. *La Geographie Culturelle*. Paris: Editions Nathan, 1995.

CLAVAL Paul. *La logique des villes*. Essai d'urbanologie. Paris: LITEC, 1981.



- CLAVAL Paul. A volta do cultural na geografia humana. Fortaleza: *Mercator-Revista de Geografia da UFC*, Fortaleza, ano I, n.º. 1, 2002.
- COSTA, Maria Clélia Lustosa. A geografia nos arquivos do Barão. *In: BEZERRA, José Augusto. Arquivos do Barão. Fortaleza: Instituto do Ceará, 2010.*
- COSTA, Maria Clélia Lustosa. A cidade e o pensamento médico. *Revista Mercator – Revista de Geografia da UFC. Fortaleza: UFC, ano 1, número 2, 2002.*
- FERNANDES, Antônio Carlos Sequeira; SCHEFFLER, Sandro Marcelo - A Comissão Geológica do Império e os crinoides fósseis do Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil. *Filosofia e História da Biologia, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 121-139, 2014.*
- FERNANDES NETO, Manoel de Sousa. Senador Pompeu: um geógrafo do poder no Império do Brasil. Rio de Janeiro. Ed. Consequência, 2018
- OLIVEIRA, Almir Leal de. O litoral do Nordeste do Brasil como objeto científico darwinista: as prospecções de John Casper Branner, 1899-1911. *Hist. cienc. saude-Manguinhos [online]. 2014,*
- PEIXOTO, Afrânio. *Clima e saúde: introdução biogeográfica à civilização brasileira. São Paulo: Nacional, 1938.*
- RODRIGUES, José Honório. Introdução do Índice Anotado da Revista do Instituto do Ceará (Do Tomo I ao LXVIII), 1887-1954. “A Historiografia Cearense na Revista do Instituto do Ceará”. José Honório Rodrigues e Leda Boechat Rodrigues (Orgs.). Fortaleza: ABC Editora, 2002.
- SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado. Paulo: Hucitec, 1988.*
- STUDART, Guilherme (Barão). *Diccionario bio-bliográfico cearense (3 volumes). Fortaleza, Typo-lithographia a vapor, 1910. Edição Fac-simile, Fortaleza, Edições UFC, 1980.*
- STUDART, Guilherme (Barão). *Notas para a História do Ceará. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004.*
- STUDART, Guilherme (Barão). *Climatologia, Epidemias e Endemias do Ceará”. Revista do Instituto do Ceará, Fortaleza, 1909.*